

THE NARROW MARGIN / 1952

(Forças Secretas)

um filme de Richard Fleischer

Realização: Richard Fleischer / **Argumento:** Earl Fenton, segundo uma história de Martin Goldsmith e Jack Leonard / **Fotografia:** George E. Diskant / **Direcção Artística:** Albert S. D'Agostino, Jack Okey / **Montagem:** Robert Swink / **Som:** Clem Portman, Francis Sarver / **Intérpretes:** Charles McGraw (Walter Brown), Marie Windsor (Mrs. Neall), Jacqueline White (Ann Sinclair/Mrs. Neall), Gordon Gebert (Tommy Sinclair), David Clarke (Joseph Kemp), Peter Virgo (Densel), Don Beddoe (Gus Forbes), Paul Maxey (Sam Jennings), Queenie Leonard (Mrs. Troll), Harry Harvey (o revisor), Peter Brocco (Vincent Yost), Mike Lally (taxista), etc.

Produção: Stanley Rubin para a RKO / **Cópia:** Digital, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português, 71 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 3 de Maio de 1952 / **Estreia em Portugal:** Capitólio, em 17 de Março de 1953.

Quando dirige **The Narrow Margin**, Richard Fleischer já tem atrás de si cerca de uma dezena de filmes, numa carreira iniciada em 1946 já na RKO. Filmes de série B que são uma verdadeira escola para o seu trabalho futuro. Neste grupo de filmes começam já a destacar-se as qualidades na direcção do filho de Max Fleischer (pioneiro do cinema de animação, campo em que foi, durante bastante tempo, o principal rival de Walt Disney), em particular nalguns "thrillers" de estilo "negro". O primeiro é exactamente o seu "opus" número cinco, **Bodyguard/O Meu Guarda-Costas** (1948), e o resultado é que Fleischer passa quase exclusivamente a concentrar-se nesse tipo de filmes, **The Clay Pigeon/O Pombo de Barro** (1949), **Follow Me Quietly/Segue-me Em Silêncio** (1949), **Trapped/Fuga para a Morte** (1949) e **Armored Car Robbery/Brigada Criminal** (1950), talvez o melhor da série, quase um filme de "procedural", sobre os métodos de investigação da polícia, na linha das produções de Louis de Rochemont e Mark Hellinger. Estes trabalhos foram depurando e fortalecendo um método e estilo que encontram a sua materialização perfeita no filme seguinte, **The Narrow Margin**, o primeiro grande filme de Richard Fleischer, a primeira das obras-primas que nos irá dar ao longo dos anos cinquenta.

The Narrow Margin é um dos grandes "thrillers" da década de 50, geralmente incluído entre os filmes "negros", mais pela "atmosfera" do que pelo tema. Neste último caso, **The Narrow Margin** é um legítimo sucessor de alguns dos filmes de Fleischer atrás citados: **Follow Me Quietly** e **Armored Car Robbery**, pela forma como trabalha à volta dos métodos da polícia, que neste caso tem a ver com a protecção a uma testemunha e ao seu transporte para o tribunal onde vai fazer o depoimento. Neste campo o filme de Fleischer inscreve-se, antes de mais, na série de filmes que então se faziam inspirados pela luta do comité de senador Kefauver contra a corrupção nas forças municipais de várias cidades e o peso que nelas tinham os "sindicatos" do crime, e entre os quais se contam filmes como **The Undercover Man/Todos os Que Falaram Morreram**, de Joseph H. Lewis, **The Racket/Suborno**, de Nicholas Ray e John Cromwell,

Deadline USA/A Última Ameaça, de Richard Brooks, **The Big Heat/Corrupção**, de Fritz Lang, e um enorme etc. entre séries B e a produção de prestígio de Elia Kazan, **On the Waterfront/Há Lodo no Cais**. No que se refere à "atmosfera", é justo destacar o nome de George E. Diskant, o director de fotografia, que já colaborara com Fleischer em **Banjo** (1947), mas que se destaca principalmente pelos seus trabalhos com Nicholas Ray: **They Live By Night/Os Filhos da Noite**, **A Woman's Secret/O Íntimo Segredo de Uma Mulher** e **On Dangerous Ground/Cega Paixão**, que é exactamente anterior a **The Narrow Margin**. O trabalho de Fleischer e Diskant em **The Narrow Margin** roça a perfeição. Acho que, honestamente, deveria dizer que a alcança, em particular em todas as cenas que decorrem no interior do comboio (e são quase todas), embora o restante se encontra quase ao mesmo nível (a fabulosa sequência da morte do polícia, parceiro de Walter Brown/Charles McGraw, nas escadas do edifício).

Mas são nas outras que o filme é perfeito, com a exploração de todas as possibilidades fotogénicas do comboio e a sua função dramática ou na narrativa (o que está totalmente ausente da frustrada nova versão feita por Peter Hyams em 1990, que se limitou a transformar a história num filme de acção): através dos corredores, como o pormenor que parece pitoresco (e veremos depois que tem outra função) do homem gordo que surge no caminho das personagens ("nobody loves a fat man"), o típico jogo de escondidas habitual neste meio de transporte (**The Lady Vanishes/Desaparecida**, de Hitchcock), etc. Mas Fleischer e Diskant exploram também, com mão de mestres, os reflexos nas janelas das personagens. Se, por um lado, o método reforça a ambivalência delas (e todo o filme trabalha, como poucos, sobre esse tema: a testemunha que afinal não o é, a simpática passageira que, no fim de contas é outra coisa, o peso de "ameaça" que o homem gordo parece transmitir, que afinal talvez não seja, o simpático cavalheiro que afinal é um assassino do "sindicato", e um polícia que parece íntegro, mas sabe-se lá, "toda a gente tem um preço", diz Anne Sinclair/Mrs. Neal (Jacqueline White) para justificar a ignorância em que é deixado Walter Brown sobre toda a operação que, no fim de contas, parece resumir-se a uma "caça aos gambuzinos" para que os gangsters são atraídos), se reforça essas ambivalências, disse eu, antes do longo parêntesis, está também magnificamente incluído na narração. Por um lado, o espaço reduzido do interior do comboio é, assim, "alargado", fazendo "ampliar" o drama (a perseguição dos carros ao comboio, vista apenas através dos seus reflexos na janelas), por outro, acaba por ter uma função específica na narrativa: é pelo reflexo do assassino na janela do comboio exterior, que Walter calcula a sua localização no compartimento de Anne, podendo, deste modo, disparar sem perigo para a mulher.

Perfeito na sua construção, quase feito com um metrónomo nas mãos, com uma tensão que vai crescendo de sequência para sequência, **The Narrow Margin** é, sem dúvida, o melhor filme jamais feito tendo por campo de acção um comboio, e explorando todas as suas possibilidades dramáticas.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico